

CONCURSO DE LEITURA

No dia 29 de abril, realizou-se a 1.ª Edição do Concurso Municipal de Leitura, no Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves, uma iniciativa do Município com a colaboração da Rede de Bibliotecas Escolares.

Os nossos alunos foram acompanhados pela professora Maria da Luz Góis, responsável pela Biblioteca da D. João V, e, mais uma vez, revelaram a sua competência na leitura, pois conquistaram o 3.º lugar no 3º Ciclo (Vasco Ferreira do 9.º 1) e o 1.º lugar no Ensino Secundário (Sofia Feiteira do 12.º 1), entre 59 participantes..

O júri foi constituído por Ricardo Franco, vencedor da 28.ª edição do Prémio Literário Orlando Gonçalves, na modalidade de Ficção Narrativa, e Ângela Rodrigues, da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos.

A escola ensina a ler.
Quem lê descobre por que
poucos querem que a
gente leia.



(continuação da primeira página) Embora tivesse a consciência de que conhecia a história a fundo, paira sempre a dúvida “Será que vai correr bem?”. A primeira prova correu melhor do que esperava, pelo que a fase mais importante tomava conta dos nervos. No momento de apresentar o excerto, senti-me ligeiramente perdida, e o coração batia

tão ou mais depressa que as palavras. Mas estava ali para me divertir, essencialmente, e aproveitar e reviver uma experiência de há 8 anos, pelo que acabei por manter a calma e espontaneidade.

Quando anunciaram os vencedores, a surpresa foi total. Mesmo tendo esperança de que poderia ser uma possibilidade, a insegurança do contrário acaba sempre por vencer os pensamentos. Foi incrível o quão grata estava e o orgulho que acabei por sentir. Não poderia ter deixado de dedicar a vitória, tanto à minha família, que plantou em mim o “bichinho” da leitura desde cedo, como às minhas professoras de Português ao longo do meu percurso escolar, que me ensinaram a acreditar que ler é, acima de tudo, saber mais.

Para mim, ter ganhado o concurso, foi uma afirmação pessoal de que ler não serve apenas para passar o tempo. É um passatempo que deve ir mais para além disso: é uma atividade de descontração, através da qual estamos em aprendizagem constante. Ler abre mentes, constrói o nosso pensamento crítico e dá-nos ferramentas para termos a nossa própria opinião sobre o mundo.

A todos os jovens que se interessam por este magnífico mundo da leitura: se sentem que ler vos transforma, não hesitem em participar nestes projetos. Ter participado neste concurso fez-me ver, uma vez mais, o quão bom é ser leitor e o tamanho e poder que as palavras possuem, e que, por mais que a dúvida e insegurança assustem as nossas capacidades, somos mais do que aquilo que acreditamos ser.

Sofia Feiteira 12º 1



Quando a minha professora de Português me falou do concurso de leitura, não li-guei muito, mas, assim que soube que tinha sido selecionado para a fase seguinte, fiquei logo mais interessado.

Antes da apresentação senti-me, naturalmente, nervoso e, mesmo antes de subir ao palco, cheguei a trocar de ideias sobre o excerto que iria ler e sobre o que diria acerca dele. Ainda assim, consegui encontrar uma forma de relacionar o excerto com a minha interpretação do livro.

Gostei bastante da experiência, mesmo não estando à espera de uma oportunidade destas; muito menos esperava garantir a minha posição no terceiro lugar do pódio.

Vasco Ferreira 9º1



Jota 5

Ano letivo 2025/2026

30.ª EDIÇÃO

l
J
o
t
A



Participar na 1º Edição do Concurso Municipal de Leitura da Amadora foi uma aventura que começou entre páginas de uma descoberta inesperada: desde Kafka e a sua *A Metamorfose* até *A Livraria dos Livros Proibidos*, de Marc Lévy. O que começou como uma leitura obrigatória para o concurso, rapidamente se tornou numa viagem pessoal que me apresentou a um novo autor que me prendeu no seu enredo, de início ao fim.

Confesso que o nervosismo me acompanhou desde o início. (continua na última página)

Sofia Feiteira 12º 1

Gostei muito da atividade, porque assim ajuda-os imenso na integração dos alunos estrangeiros no seu país.

Seety Asokan 12º1,
PLNM



A escola D. João V ajuda a integrar os alunos estrangeiros, facilita os seus estudos e fá-los sentir-se em casa.

Umaro Baldé 11º4
PLNM

As escolas portuguesas são um exemplo de integração, acolhimento e respeitam as diferenças e as dificuldades dos diferentes alunos e promovem as amizades.

Ana Sofia Veloso 11º4 PLNM

Envia os teus trabalhos para - j5clubedejornalismo@gmail.com

EDITORIAL

Índice	Pág.
Editorial	2
Roteiro Queirosiano	3/4
Visita ao Oceanário de Lisboa	4
Mensagens Intemporais	5/6
Integração de alunos alófonos	7-9
There's no Planet B	10/11
Escrita Criativa	12/13
Campo vs cidade	14
Divagações	15
Concurso de Leitura	16

Mais um ano letivo chegou ao fim, mais um ciclo cumprido, no qual se procurou educar os alunos, transmitir-lhes conhecimentos e, acima de tudo, preparar-lhes a mente para a importância de colocarem questões, refletirem, porque estudar é importante, mas pensar é fundamental.

A educação, por si só, não transforma uma sociedade, mas sem ela a sociedade não muda nunca, e uma escola que forma pessoas pensantes e com valores educa-as, como disse Paulo Freire, “para serem águias” e não apenas “galinhas”.

Ruben Alves afirmou que “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.” E que “O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”. Continuemos, por isso, qual malabarista na corda bamba, a incentivar o espírito crítico dos nossos alunos, porque não queremos pássaros engaiolados.

A Equipa do J5

DIVAGAÇÕES

Arte por parte

Quando eu era pequena,
gostava de imaginar vidas diferentes da minha.
Às vezes eram tão semelhantes como vestir quase nada
e quase nada vestir.
Fui francesa em Itália,
fui estrangeira na Austrália,
fui tudo, sem nunca sair de mim.
Imaginei o que nunca aconteceu
e nunca irá acontecer.
Quer seja ter o amor da minha vida,
ou ver o sol nascer.
Aprecio os detalhes que criei,
os esboços que fiz,
as pessoas em quem me inspirei.
Gosto de transformar isso tudo em papel,
de dar forma aos pensamentos numa obra.
Fazer de um sonho arte,
escrever cada sentimento, parte por parte.
Orgulho-me de ter emoções fortes,
orgulho-me disso.
Mas custa-me ver o potencial que constantemente desperdiço.
Queria ser um pássaro para poder voar e contar esta história.
Gostaria de ser um elefante para que tudo ficasse na memória.
Não só vento, mas ideias.
Ideias aqui, ideias ali...
Mas estávamos a falar de quê? Já me esqueci.
Conectar-me com a minha criatividade
como uma mãe e um filho através do amor.
Conectar-me com a minha criatividade como uma flor
num dia de primavera, com pouco vento e muito calor.
Calor que cala os pensamentos,
calor que nos silencia por dentro.
Então aproveita essa criatividade,
aproveita os teus sentimentos.
Cria com espontaneidade
e investe no teu conhecimento.



Inês Santos – 9.º 5

FICHA TÉCNICA
TÍTULO - JOTA 5
junho 2026
DIREÇÃO, COORDENAÇÃO, MONTAGEM E PAGINAÇÃO
Isabel Antunes
Maria Antónia Silva
Sofia Costa
REDAÇÃO
Alunos e professores
Tiragem - 50

CAMPO vs CIDADE



A humanidade e a Ciência

A vida nas grandes cidades não contribui para a convivência entre pessoas que residem umas perto das outras.

Nas cidades, o convívio entre pessoas torna-se cada vez mais difícil, as pessoas estão mais ocupadas e não há tanta socialização entre vizinhos. Isto pode ser resultado de uma rotina onde sacrificamos o convívio humano pela tecnologia ou pelo progresso científico. Este progresso trouxe, por exemplo, uma evolução tecnológica, levando as pessoas à utilização das redes sociais e a dizer que estão a comunicar ou a socializar, no entanto, apenas geram o isolamento e esquecemo-nos de como realmente é conviver no dia a dia, cara a cara, assim como também nos esquecemos do que realmente é importante.

A evolução científica veio trazer muitas vantagens, descobertas e inovações, mas também trouxe a redução de espaços verdes, devido a fábricas, laboratórios, como também contribuiu para o isolamento social e o pouco desenvolvimento do nosso cérebro.

O poema de Caeiro, “Da minha Aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...”, mostra uma realidade e a diferença entre cidades e aldeias. Nas aldeias, o tempo parece ter mais tempo, tudo é mais tranquilo, a um ritmo menos acelerado. Existe mais convivência, os amigos não são “virtuais”. Num país com elevada taxa de população envelhecida, esta aproximação é importante. Existem mais espaços verdes, mais campos cultivados e existe maior aproveitamento de espaços com história.

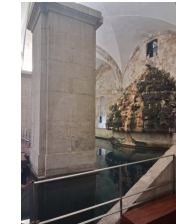
Alberto Caeiro também dizia “Na minha cidade as grandes casas fecham a vista à chave”, realçando que nas cidades o betão das grandes casas e edifícios tapa as paisagens naturais e humanas. Tudo é mais cinzento à nossa vista.

Em suma, o progresso científico contribuiu para diversas descobertas e causas, mas limita a convivência e a nossa ligação com o mundo, com a natureza e com os outros.

Carolina Vicente Pargaña 12º1

ROTEIRO QUEIROSIANO

Visita de Estudo: Roteiro Queirosiano Via Aqueduto EPAL



No dia 3 de março, realizou-se a visita de estudo sobre o Roteiro Queirosiano Via Aqueduto (11º1 e 11º2 anos), no intuito de abordar a obra *Os Maias*, de Eça de Queirós, estudada no 11º ano.

Por caminhos via aqueduto e ao ar livre, abordaram-se temas da obra e visitaram-se locais importantes na narrativa, locais que atualmente já não são os mesmos que vemos nas fotos da época.



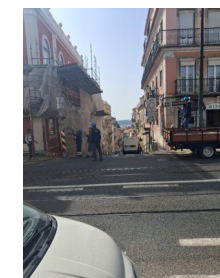
Teatro de São Carlos



O Casino

As Conferências do Casino (1871) foram encontros organizados pela Geração de 70, incluindo Antero de Quental e Eça de Queirós, para debater a modernização de Portugal e combater o Romantismo. Num contexto de crise, estes intelectuais visavam introduzir o Realismo e ideias europeias, como o socialismo e a democracia, que influenciaram o ambiente crítico de *Os Maias*.

Teatro de São Carlos, criado em 1793, era a sala de espetáculos mais prestigiada de Lisboa. Frequentavam-na os reis e a nobreza, mas também a burguesia endinheirada. Tratava-se de um importante espaço de convívio social. Foi aqui que começaram os olhares da condessa de Gouvarinho a Carlos e onde estes são apresentados.



A **Rua de São Marçal** (localizada na zona do Príncipe Real/Bairro Alto, em Lisboa) é mencionada como o local onde se situa a casa da **família Gouvarinho**.



O sarau no **Teatro da Trindade** (Capítulo XVI) em *Os Maias*, de Eça de Queirós, é uma cena crucial de crítica social e reviravolta no enredo. Representa a superficialidade da alta sociedade lisboeta através de um evento de beneficência. Ocorre a revelação de que Carlos e Maria Eduarda são irmãos, desencadeando a tragédia final.

VISITAS DE ESTUDO



Era no número 31 da rua Ivens a moradia de Maria Eduarda.



No número 37, também da rua Ivens, situa-se o **Grémio Literário**, fundado em 1846.

Gonçalo Coelho 11º1

Passeando pela Rua Garrett, antiga Rua do Chiado, conhecemos dois pontos de encontro dos homens da sociedade de então. Ainda hoje assim é. A Brasileira, com a sua esplanada a olhar para quem passa, tem como vizinha a Casa Havaneza, a melhor tabacaria da capital. Fundada em 1865, era ponto de encontro de todas as classes sociais. De políticos a atores, passando por desocupados, toda a gente por ali passava a caminho do trabalho ou dos cafés. Aí eram ainda afixados os telegramas com as últimas notícias. Um dos locais propícios a desvendar segredos, segundo o próprio Eça.

“A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina de frente, na Havanese, fumavam também outros vadios, de sobreca-saca, politicando.”

O Grémio Literário ocupa este palacete apenas desde 1875. Este era o local por excelência dos homens de cultura, apreciadores de jogos de cartas, e claro, de boa bebida! Eça frequentava-o e a mesa onde costumava ler o jornal, ou até escrever, ainda lá se encontra.

Conhecer os Animais Marinhos - Visita ao Oceanário de Lisboa

No dia 16 de abril, os alunos do 10º1, os professores de Biologia e Geologia e de Físico-Química visitaram o Oceanário de Lisboa, que fica na zona oriental da cidade, mais conhecida por “Expo”.

Foram de comboio até à Gare do Oriente e depois a pé, até ao Oceanário.

Lá dentro tiveram um guia que só os acompanhou até ao primeiro andar, explicando como os animais marinhos se comportavam, como se alimentavam, como brincavam e como eram tratados.

No piso 0, já não houve acompanhamento do guia. Era uma zona escura, que permitia ver melhor os peixes e outros animais marinhos com todo o seu colorido. Nesta parte da visita, já não havia pressão do tempo e podia apreciar-se os aquários das diferentes espécies marinhas com mais calma.

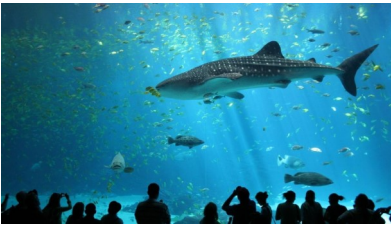
Esta visita foi realizada para observar os animais marinhos, conhecer os seus *habitats*.

De facto, de vez em quando o ser humano esquece um pequeno pormenor: “Somos nós que precisamos da Natureza e não é a Natureza que precisa de nós”.

A visita serviu também para reconhecer alguns dos problemas que afetam a vida animal, como a poluição, e tentar encontrar soluções para evitar ou remediar esses problemas.

Eu recomendo vivamente a visita ao Oceanário de Lisboa, pois lá é o sítio ideal para admirar tantos animais magníficos que existem no nosso planeta.

João Moutinho Silva 10º1



ESCRITA CRIATIVA

14 vezes não

Hoje, muitos jovens vivem ligados à Internet, mas **não** pensam com calma. Procuram opiniões rápidas, **não** verificam fontes, **não** questionam interesses, **não** ouvem diferenças. Nas redes, a informação chega depressa e **não** deixa espaço para a reflexão.

Assim, formar opinião própria torna-se difícil, porque **não** há tempo, **não** há silêncio, **não** há diálogo, **não** há paciência, **não** há estudo, **não** há confronto saudável de ideias. Sem educação crítica **não** cresce a cidadania, **não** surge a responsabilidade, **não** muda o futuro coletivo.



Inês Santos 9º 5

O Maldito regresso

A noite de domingo, aquela “depressão” do fim do descanso e o início daquela maldição a que chamamos segunda-feira. **Não**, **não** podemos negar. A tristeza instala-se. **Não**, o tempo voa. **Não**, o prazer acaba. **Não**, **não** há mais folga nem dormir até às quinhentas. **Não**, a obrigação regressa. **Não**, **não** há como fugir. **Não**, a rotina exaustiva vence. **Não**, o corpo sente. A mente resiste. **Não** queremos, mas **não** há solução.

É a vida.



Marta Figueiredo – 9º 5

Sentença da ausência

Não, o silêncio **não** cura a ferida que o toque deixou. **Não** estamos vivos se o sangue **não** queimar por alguém. Amar é morrer mil vezes sem nunca descansar. **Não** somos inteiros, somos fragmentos de um espelho que **não** reflete. **Não**, o peito **não** vence o que **não** cicatrizou, **não** há vida sem o fogo de quem **não** voltou. **Não** adianta forçar o que o outro **não** quer, pois o amor **não** sobrevive sozinho.



Iara Barroso – 9º 1

ESCRITA CRIATIVA



Alfabeto

Amanheceu
e um dia bonito nasceu,
os pássaros a cantar
e as famílias a despertar.

Mais um dia de esperança,
mais um dia de confiança,
Um povo a depositar a sua fé,
numa geração que se deixa ir com a maré.

Hoje em dia,
deixam-se levar pela ignorância,
julgam em demasia
e acabam num país sem liderança.

A mudança é necessária,
Tal como uma opinião visionária,
Mas não passa daquela velha questão:
vamos mudar ou continuar a reflexão?

Somos Portugal, e não podemos esquecer,
sem temer, unidos iremos renascer.
Seguindo firmes até à vitória,
voltaremos a fazer história.

Xeque-mate faremos
e o poder de Zeus ultrapassaremos.

Mafalda Martins - 9º 5

MEMÓRIAS

40 invernos

Daqui a quarenta invernos,
vou arrepender-me do que fiz
e do que não tive coragem de fazer.
Dos textos que apaguei antes de enviar,
das coisas presas na garganta,
com medo de falar.
Vou rever o drama que parecia o fim,
mas vai doer lembrar-me do que perdi.
Do medo de errar, de tentar,
de ser quem eu queria ser e não consegui.
Irei lembrar-me do quão feliz eu era
antes de envelhecer.
E dos anos que desperdicei,
com medo de errar e de perder.
Vou olhar para as fotografias
e ver que não estou tão diferente
do que achei que estaria.
Terei o mesmo riso, o mesmo olhar,
a mesma energia e a mesma maturidade.
Mas estarei com rugas, cabelo branco,
e a vida pela metade.

Inês Santos - 9º 5



MENSAGENS INTEMPORAIS

D. Sebastião, Rei de Portugal

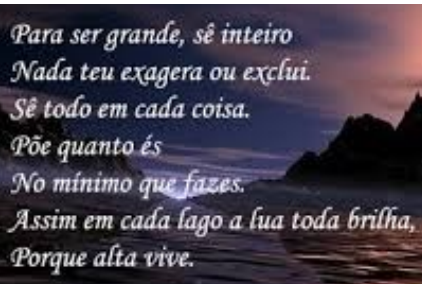
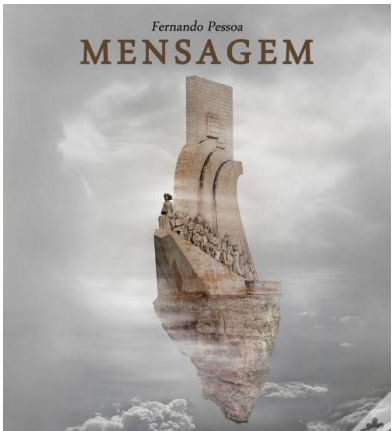
“Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”

Mar Português

“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da própria dor”

Quinto Império

“Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz”



A obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, está dividida em três partes bastante importantes: Brasão, Mar Português e O Encoberto. Cada uma destas partes pode simbolizar uma etapa da vida de Portugal e do seu povo: O Brasão, como primeira parte, pode evidenciar o nascimento do país enquanto pátria e a “construção” da sua nacionalidade; O Mar Português, como segunda parte, identifica-se com a vida e evolução de Portugal, pelas suas conquistas e descobrimentos de novos mares e terras (expansão marítima da pátria); e O Encoberto, como terceira parte, simbolizando a morte e ressurreição de Portugal, a partir da morte de D. Sebastião, e o seu regresso espiritual, que sempre deu esperança à nação, por um futuro melhor e o aguardado Quinto Império.

Os três poemas das três partes correspondentes apresentam versos que, para além de estarem interligados, completam-se. Fernando Pessoa quis estabelecer a importância do herói histórico e mítico, D. Sebastião, com a coragem e bravura demonstrada em Mar Português, culminando na esperança por um futuro melhor e do renascimento de Portugal (marcado pelos dois aspetos anteriores), aguardando o Quinto Império.

D. Sebastião enaltece a «loucura que é o homem», que acaba por se concretizar «Se a alma não é pequena», «Tudo vale a pena». A bravura é símbolo de quem «Tem que passar além da dor», e a pátria ambiciosa «Vive porque a vida dura», prevalecendo a sua coragem e vontade de sacrifício e ambição por um futuro digno de Portugal – marcado pelo regresso de D. Sebastião e pela esperança associada ao mesmo (sinónimo da “implantação” do Quinto Império – ressurreição de D. Sebastião e da nação portuguesa.)

Sofia Feiteira 12º1

MENSAGENS INTEMPORAIS

Reflexão sobre a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa



Estes versos são muito importantes, eles representam lições que devemos levar para a vida.

Com os versos “Sem a loucura que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria?” aprendemos que devemos ir além do que os outros esperam de nós, devemos viver, devemos arriscar.

Os versos “Valeu a pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena./ Quem quer passar além do Bojador/ Tem que passar além da dor.” ensinam-nos que vale sempre a pena arriscar, mas não nos podemos esquecer que se arriscamos também vamos ter de fazer sacrifícios. Para irmos mais além temos de passar pela dor e pelo sacrifício.

“Triste de quem é feliz!/ Vive porque a vida dura./ Nada na alma lhe diz”. Estes versos mostram-nos que quem é feliz, na verdade, só o é porque nunca passou por nada, nunca arriscou, nunca sacrificou nada, nunca viveu realmente. Nunca se tornou homem. Só é homem quem é triste.

Esta é a mensagem que eu retiro desta obra. Devemos viver, arriscar, sacrificar, sentir, aproveitar a vida. Devemos ser tristes e felizes. Mas aprender que um dia só vamos ser felizes se já tivermos sido tristes, se tivermos vivido, se tivermos arriscado. Sair da nossa zona de conforto. Não sermos “bestas sadias, cadáveres adiados que procriam”.

Constança Costa 12º1

A obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, é, em geral, um apelo ao povo português para que este não se limite ou se conforme com o básico de uma vida medíocre, que Portugal foi premeditado para ser grande e que tal grandeza só poderia ser alcançada por aqueles que sonham e agem.

É nesse contexto que os excertos acima marcam a sua importância na *Mensagem*. O poema “D. Sebastião, Rei de Portugal” aponta para as consequências de alguém que não arrisca, de alguém “sem loucura”, ao compará-lo com um cadáver que nada acrescenta, sendo esse também semelhante à linha de raciocínio seguida no poema “Quinto Império”, que, ao utilizar a antítese “triste/feliz”, expõe a decepção para com aqueles que apenas vivem “porque a vida dura” e que se sentem bem por viver uma vida conformista, sem grande ambição. Em contraste com o desprezo pela estagnação presente nos outros versos, em “Mar Português”, Fernando Pessoa glorifica e evidencia que “se a alma não é pequena” então “tudo vale a pena”, instigando os portugueses à ação que lhes trariam grande benefício.

Sendo assim, a importância desses versos centra-se num objetivo, o de transmitir na obra a mensagem central de Pessoa, que profetizava um futuro de paz e grandeza para Portugal como um Império espiritual, chamando o povo a agir e a realizar o que se espera para o seu país.

Bianca Del Guingaro 12º2

THERE'S NO PLANET B



I am the Ocean, and I carry the weight of your negligence.

You hear me only when I bawl. You name me a disaster when I climb your coasts, but you do not name the smaller violences: the daily drizzle of poison, the glitter-

ing shrapnel of plastic, the engines grinding like iron prayers against my spine.

Once, I was a cathedral of cobalt calm. Light fell through me in trembling ladders. Fish moved like living constellations. My floor was a quiet library of shells and secrets.

Now my sermons are storms. My psalms arrive as surge and spray. I am louder because you have refused to listen to my whispers.

I feel your heat settling into me, a fever folded into my depths. Icebergs loosen like old teeth. Currents wander, lost and longing for their ancient paths. Even my whales sing in altered keys, their basso songs blurred by the static of your ships.

You call it progress. I call it a slow, shimmering suffocation.

Do not tell me I am too vast to wound. I am vast, yes. But do not confuse vastness with invincibility. Even giants bruise. Even tides tire.

So let me be vast and living, not vast and dying. And I will carry your tomorrows as gently as I once carried your dreams.

Dinis Martins 11º 2º

POEM OR PROSE POETRY

I am a tree standing tall
I give you shade, I give you all
You remove my family and burn the land
And you don't even try to understand
I give you oxygen every day
So think before you take trees away



Tiago Monteiro 11º 2º nº24

THERE'S NO PLANET B

The World Under Threat, da Unidade 2. There's no Planet B.

Lullabies of the Moon
I see you.
I see your screens,
your glowing devices,
your endless noise.
I give light,
I give calm,
I give tides,
and you scroll past.
Your children forget
the songs of night,
the lullabies of rivers,
the whispers of trees.
They count likes,
not stars,
swipe, not listen,
touch glass, not leaves.
I am here,
to teach them to hear,
to dream with the wind,
to sing with the moon.

Lua Cruz 11º^a



I am the Ocean, and I carry the weight of your negligence.

You hear me only when I bawl. You name me a disaster when I climb your coasts, but you do not name the smaller violences: the daily drizzle of poison, the glittering shrapnel of plastic, the engines grinding like iron prayers against my spine.

Once, I was a cathedral of cobalt calm. Light fell through me in trembling ladders. Fish moved like living constellations. My floor was a quiet library of shells and secrets.

Now my sermons are storms. My psalms arrive as surge and spray. I am louder because you have refused to listen to my whispers.

I feel your heat settling into me, a fever folded into my depths. Icebergs loosen like old teeth. Currents wander, lost and longing for their ancient paths. Even my whales sing in altered keys, their basso songs blurred by the static of your ships.

You call it progress. I call it a slow, shimmering suffocation.

Do not tell me I am too vast to wound. I am vast, yes. But do not confuse vastness with invincibility. Even giants bruise. Even tides tire.

So let me be vast and living, not vast and dying. And I will carry your tomorrows as gently as I once carried your dreams.

Dinis Martins 11º 2º



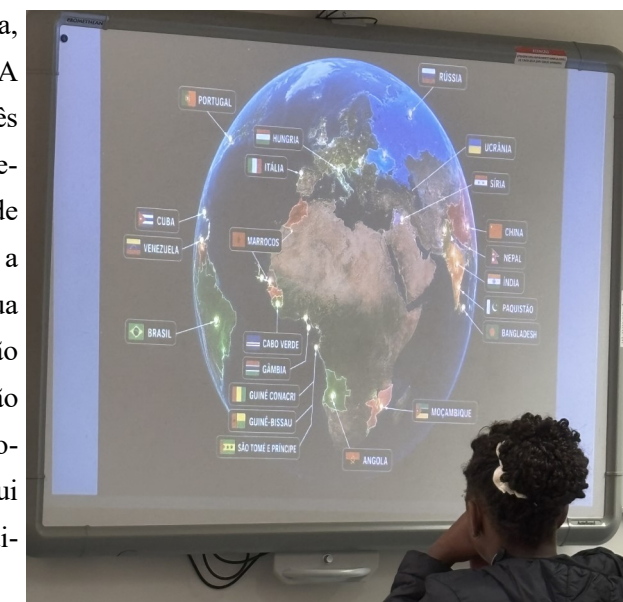
INTEGRAÇÃO DE ALUNOS ALÓFONOS



No passado dia 29 de abril, a nossa Escola foi convidada, pela DGEstE, para ser alvo de "Observação das medidas implementadas para integração de alunos que não têm o português como língua materna" por uma equipa de inspetores originários de França, da Inspection d'Éducation Nationale. As Senhoras Inspetoras, Camille Debras e Myriam Gaujoux, foram acompanhadas por Loïc Le Morvan, da Embaixada de França, uma representante do Ministério da Educação.

Neste sentido, foi programada uma série de atividades.

Na sessão de abertura, às 9h, na sala 2, a Diretora, Margarida Amorim, fez uma breve introdução. A equipa foi depois recebida pelos alunos de Português Língua Não Materna do 2.º ciclo e do Projeto Integrar e, de seguida, foram apresentadas as práticas de integração de alunos alófonos, nomeadamente com a oferta da disciplina curricular de Português Língua Não Materna e do Projeto Integrar. A apresentação foi feita pela Coordenadora de Português Língua Não Materna, Sofia Carreira, com a colaboração dos professores do Projeto Integrar, Gabriela Ramos e Rui Campos, que esclareceram várias dúvidas que a equipa de inspetores foi colocando.



Após o *coffee-break*, a Diretora e a Coordenadora encaminharam a equipa para a Biblioteca Escolar/Mediateca, onde foi recebida por alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário, que frequentam ou frequentaram a disciplina de PLNM ou Projeto Integrar, para uma atividade intitulada "A Minha História em Português". Esse momento contribuiu para uma partilha de experiências e troca de ideias entre os alunos e as inspetoras. Os nossos estudantes fizeram entrevistas uns aos outros ou contaram a sua história de integração na primeira pessoa, além de responderem a algumas questões das próprias inspetoras.

Às 11h45, promoveu-se a observação de uma aula da professora Sofia Costa com a turma de PLNM do Ensino Secundário. Nessa aula, a partir de uma lenda portuguesa, a "História de Caio Carpo", sobre a cidade de Matosinhos, a professora dinamizou atividades de Compreensão, Interação e Produção Orais, Leitura, Gramática, Escrita e Interação Cultural. Em suma, foi uma aula enriquecedora e que suscitou a curiosidade das inspetoras, por exemplo acerca da origem do nome Matosinhos.

INTEGRAÇÃO DE ALUNOS ALÓFONOS

Após o almoço servido no refeitório, a professora Marina Carreiras dinamizou uma aula, às 14h15, com a outra turma de PLNM de Ensino Secundário, apresentando uma pequena encenação sobre a escola durante o Estado Novo e após o 25 de Abril, na sequência das comemorações da Revolução dos Cravos no fim de semana anterior.

Por último, no final do dia, pelas 15h30, no átrio, os alunos de 2.º ciclo declamaram alguns poemas dos seus países. As professoras Sofia Carreira, Marina Carreiras e a mediadora linguística e cultural, Mónica Santos, também participaram dessa leitura com poemas de Paul Éluard, Sophia de Mello Breyner e Cecília Meireles.

No momento da despedida, a equipa parabenizou a escola pela receção, pelo programa apresentado e, sobretudo, pelas medidas implementadas para integração dos alunos e pelos projetos desenvolvidos. No final, as inspetoras e os representantes da Embaixada e do Ministério da Educação foram presenteados com sacos de pano pintados e assinados pelos nossos alunos, que continham exemplares da última edição do jornal J5 e respetivo suplemento de poesia com a publicação de todos os poemas que participaram no Concurso de Poesia 2025, incluindo de alunos de PLNM.

Quanto a nós, agradados com o convite e o *feedback* das Inspetoras, não podemos deixar de agradecer a todos os nossos estudantes, uma vez que o reconhecimento maior que podemos receber é o dos alunos e do seu sucesso: é para os nossos alunos que trabalhamos - "Aqui, todos têm voz", "Juntos aprendemos melhor", "Todos diferentes, todos importantes", "A nossa escola é de todos" (frases que foram inscritas nos sacos de pano e que espelham a nossa cultura escolar).

Professora Sofia Carreira



Eu gostei muito da presença dos inspetores franceses na nossa escola: houve atividades diferentes na sala de aula e os alunos fizeram entrevistas. Foi muito divertido.

Faiza Ferdoush, 12º3, PLNM



Gostei muito de tê-los aqui e podem voltar sempre que quiserem que serão sempre bem vindos.

Ana Bragança 11º4 PLNM



Considero a visita dos inspetores franceses boa, porque vieram saber mais sobre o nosso sistema educativo. Eu acho que a integração dos alunos é boa, pois têm bons professores que os podem ajudar.

A Escola D. João V é um Agrupamento acolhedor.

Yofene Abilio 11º4 PLNM



No dia 29 de abril recebemos na nossa escola os inspetores franceses, proporcionando um momento especial de troca de culturas e novas experiências.

Mayra Pires, 12º3, PLNM



Eu gostei da visita dos inspetores. Houve várias atividades. Aprendi várias coisas com a cultura de outros alunos da nossa escola. Gostei do depoimento sobre as experiências que alguns dos meus colegas deram e também acho que os inspetores aprenderam sobre várias culturas e diferentes línguas.

Denise Costa 12º3 PLNM

Realizou-se, no dia 29 de abril, uma aula diferente na turma de PLNM Secundário da professora Marina Carreiras, intitulada "Uma aula antes e após a Liberdade", no âmbito da visita dos peritos franceses ao AEDJV para conhecer práticas de integração dos alunos migrantes em Portugal.

Foi realizado uma peça de teatro, da autoria da professora Sofia Carreira, com os alunos usando "fita cola" na boca, simbolizando a mordada do Fascismo, e a professora de bata branca e régua na mão, simbolizando o autoritarismo no ensino salazarista. Por outro lado, a liberdade de ensinar e aprender foi apresentada com cravos vermelhos na mão e a participação livre dos alunos e da professora sobre o que é aprender em Portugal e ensinar a alunos o Português, Língua Não materna.

Complementando esta peça foi contextualizada a época salazarista e o 25 de abril e pós- 25 de abril com um vídeo criado para o efeito e pela participação oral dos alunos com cartazes e palavras (Silêncio/ Liberdade).

Professora Marina Carreiras



A visita dos inspetores foi muito importante, porque conversámos e ajudou-nos a conhecer todos os alunos do Projeto Integrar.

Agneise Henrique 11º4 PLNM